

# Homem disputa cerrado com gafanhotos

Os técnicos alertam, os fazendeiros se armam, e a imprensa divulga: vem aí mais uma nuvem de gafanhotos. A notícia é péssima para o produtor, reflete o leitor. Os aviões e helicópteros decolam, munidos de litros de Malathion e Fenitrothion (os inseticidas usados no combate ao gafanhoto há mais de 30 anos no mundo inteiro). Mas, e o meio ambiente? Como fica aquele ecossistema depois do sobrevôo dos aviões de combate à praga?

Quem pode responder a esta e outras questões sobre gafanhotos são os pesquisadores do Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA), da Embrapa, participantes do Projeto Ecologia Operacional, que estão desenvolvendo um trabalho com a cooperação do instituto de pesquisa francês *Prifas/Cirad*, especializado no estudo de gafanhotos.

De início é necessário uma explicação: os gafanhotos dos quais estamos falando são os que têm sido manchete de vários jornais e revistas especializados em meio ambiente e agricultura e que infestam as lavouras do estado do Mato Grosso. Seu nome científico é *Rhammatocerus schistorceoides*.

Este gafanhoto é local, explica o pesquisador do NMA, Evaristo Eduardo de Miranda, coordenador do Projeto. Ele não veio do Nordeste nem vai para lá, e não tem nada a ver com invasões dos gafanhotos da África, como já foi divulgado. O fenômeno é antigo. Em 1547, um explorador espanhol já citou populações de gafanhotos no local. Trata-se de uma espécie de gafanhoto do

cerrado que faz parte de seu sistema ecológico. Sua população vive ciclos naturais relativamente periódicos, onde aumentam e diminuem, principalmente em função das condições meteorológicas. Ele atinge toda a região central do Mato Grosso e se distribui de forma descontínua em todos os ambientes que lhe são favoráveis.

Um aspecto interessante levantado pelos pesquisadores é que os invasores não são os gafanhotos, mas sim o homem que introduziu culturas na zona de proliferação natural do inseto. Sendo assim, a luta pela área vai continuar, mesmo com todos os tratamentos químicos aplicados contra eles. Será necessário conhecimento científico da biologia e da ecologia desse gafanhoto para que a agricultura aprenda a conviver com ele e a controlar suas populações.

A escolha sensata — Mas qual será o caminho mais eficiente para controlar e viabilizar a convivência da agricultura com os gafanhotos? Inseticidas? Controle biológico? Qual será a melhor escolha, já que o controle se faz necessário para evitar as perdas na colheita de certas culturas, como o arroz, que podem ser reduzidas a zero, com uma infestação não controlada?

Os pesquisadores do Projeto Ecologia Operacional explicam que para obter bons resultados no combate são necessários alguns critérios como: orientar os fazendeiros a fazer a avaliação correta da gravidade da situação; localizar precisamente a infestação; quantificar e analisar a manifestação. Somente de posse destes dados, os

técnicos têm condições de decidir pelo tipo de controle a ser praticado.

É fundamental que o controle químico tenha sua eficiência avaliada e que se organizem combates onde sejam apresentados os balanços de resultados obtidos de forma clara e quantificada. A simples presença do gafanhoto na plantação não significa necessariamente dano econômico à cultura. Outros parâmetros devem ser utilizados na hora da escolha do combate como: verificar quais os danos realmente evitados pelos tratamentos; qual o custo das operações de controle em contrapartida aos custos das colheitas e do impacto causado ao meio ambiente.

O controle biológico se encontra em estágio de pesquisas atualmente. Em nenhum lugar do mundo existe um método de controle biológico operacional para um gafanhoto migrador, como o de Mato Grosso. As pesquisas são conduzidas atualmente na África com o fungo *Metarhizium flavoviride*, mas estamos longe de aplicações em escala real.

O Brasil está iniciando pesquisas nesse campo mas os resultados devem ser esperados a médio e longo prazo. Além do mais, não basta achar um produto biológico eficiente contra o gafanhoto, alerta Miranda, é necessário que ele possa ser integrado nos programas de controle, de forma operacional. Só que isto foge ao controle dos pesquisadores, dos técnicos e dos fazendeiros e pára nas mãos do Poder Executivo.